

suposições quanto à distância entre as posições; a escala de *intervalo*, em que a distância entre duas posições adjacentes quaisquer é igual à que existe entre duas outras posições adjacentes quaisquer; a escala de *razão*, que não apenas tem intervalos iguais, mas também um zero absoluto.

Nos capítulos seguintes discutiremos abordagens específicas para a coleta de dados: observação, entrevistas e questionários, técnicas projetivas e disfarçadas, bem como o uso de dados já disponíveis.

6

COLETA DE DADOS

I. Métodos de Observação



Observação Assistemática

Observação Sistemática

ITEM 2.2

SELLTIZ, C. ET AL

CAPS. 6 e 7

PP. 223-312

Como é estranho que ninguém tenha visto que, para ter qualquer utilidade, toda observação deve ser contra uma opinião ou a favor dela.

CHARLES DARWIN

LODOS nós constantemente observamos — notamos — o que ocorre à nossa volta. De manhã, olhamos pela janela para ver se há sol ou se está chovendo, e decidimos, de acordo com isso, levar ou não o guarda-chuva. Ao guiar automóvel, olhamos para verificar se o sinal de trânsito está verde ou vermelho. Vemos uma criança correr diante de um carro na rua, e observamos se o motorista consegue parar o carro ou se desvia para não atingi-la. Não há necessidade de multiplicar os exemplos; enquanto estamos acordados, quase sempre fazemos observação. Esse é nosso método básico para conseguir informação sobre o mundo que nos cerca.

A observação não apenas é uma das atividades mais difusas da vida diária; é também um instrumento básico da pesquisa científica. A observação se torna uma técnica científica na medida em que (1) serve a um objetivo formulado de pesquisa; (2) é sistematicamente planejada; (3) é sistematicamente registrada e ligada a proposições mais gerais, em vez de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes; (4) é submetida a verificações e controles de validade e precisão.¹

1 O fato de a observação, como uma técnica de pesquisa, precisar ser intencionalmente integrada com outros passos do processo de pesquisa não elimina, no entanto, a possibilidade de que observações de grande significação científica possam, ocasionalmente, ser feitas ao acaso. A história da ciência está repleta de descobertas baseadas em observações casuais que não estavam ligadas a um objetivo intencional de pesquisa; a descoberta do radium e da penicilina constitui um, dentre numerosos exemplos disso. Para uma discussão do papel que as observações casuais desempenharam nas descobertas científicas e muitos exemplos interessantes disso, ver Beveridge (1950). No entanto, a

Muitos tipos de dados, exigidos pelo cientista social como provas na pesquisa, podem ser obtidos através de observação direta. Suponha-se que o cientista esteja interessado em saber como os membros de diferentes grupos se comportam na relação recíproca, quando alguma atividade provoca o seu contato; que esteja interessado em saber como as mães educam seus bebês; em comparar a qualidade de casas ocupadas por diferentes estratos da população; na descrição de cerimônias e rituais religiosos. Para obter esses e muitos outros tipos de dados, o melhor processo é observar as situações adequadas.

Naturalmente, a observação direta do comportamento não é o único método pelo qual o cientista pode obter dados; entrevistas e questionários, técnicas projetivas e registros já existentes podem substituir a observação direta do cientista.² Comparada com esses outros métodos de coleta de dados, a observação tem algumas vantagens e algumas desvantagens.

A grande vantagem das técnicas de observação é o fato de permitirem o registro do comportamento, tal como este ocorre. Um número muito grande de pesquisas depende inteiramente das descrições retrospectivas ou anticipatórias de seu comportamento. Tais descrições são feitas, geralmente, de maneira objetiva, em que a pessoa que descreve está um pouco distante das tensões e preocupações que influem no que faz ou diz na vida diária, embora possa estar influenciada por outras tensões e preocupações, peculiares à situação de pesquisa. No melhor dos casos, é limitado o grau em que podemos predizer o comportamento a partir de dados de entrevista, e a distância entre as duas coisas pode ser muito grande. Ao contrário, as técnicas de observação fornecem dados que se referem diretamente a situações comportamentais típicas — supondo-se, naturalmente, que sejam aplicados a tais situações. Sempre que o cientista tenha razões para acreditar que alguns fatores — como afastamento e detorções na recordação — possam influir significativamente nos seus dados, preferirá métodos de observação. Às vezes um estudo exige que aquilo que as pessoas realmente fazem

observação casual significativa é, em grande parte, um presente dos deuses. Além disso, precisamos distinguir entre a observação casual que indica um fenômeno até então insuspeitado, ou sugere alguma hipótese importante, e a observação sistemática de acompanhamento que consegue alguma coisa a partir desse "presente".

² Ver os Capítulos 7, 8 e 9.

e dizem seja comparado com sua descrição do que fizeram e disseram. Evidentemente, em tais casos é preciso empregar dois métodos de coleta de dados — observação e entrevista.

Muitas formas de comportamento são tão aceitas pelas pessoas pesquisadas, são de tal forma a sua "segunda natureza", que escapam à consciência e resistem à tradução em palavras. Por exemplo, os antropólogos, ao observar culturas diferentes, frequentemente notam fatos que seus melhores informantes locais nunca pensariam em descrever. Não apenas os rituais e cerimônias, mas também os acontecimentos da vida cotidiana — tal como o tratamento de uma criança pequena pela sua mãe — são frequentemente do tipo que precisa ser visto em seus aspectos característicos para ser descoberto.

Além disso, algumas pesquisas lidam com sujeitos (por exemplo, crianças ou animais) que não são capazes de dar descrições verbais de seu comportamento ou de seus sentimentos, pela simples razão de não poderem falar. Tais pesquisas necessariamente usam a observação como seu método de coleta de dados. Spitz e Wolf (1946), através da observação de bebês no quarto de crianças, concluíram que a separação prolongada entre uma criança e a mãe anteriormente cuidadora pode provocar severa depressão, que começa com choro e culmina com rígido "afastamento." As observações de chimpanzés nos Laboratórios Yerkes apresentaram dados sobre o comportamento social de animais. Por exemplo, um estudo (Hebb e Thompson, 1954), no qual o experimentador desempenhava às vezes o papel de "homem tímido" e, às vezes, o de "homem audacioso, mostrou tanto diferenças individuais marcantes nas reações de diferentes chimpanzés, quanto notáveis aspectos comuns em seu comportamento. Os chimpanzés se comportavam muito mais frequentemente de maneiras que foram interpretadas como indicadores de medo diante do "homem audacioso" (por exemplo, afastavam-se para um canto da jaula); diante do "homem tímido" comportavam-se muito mais frequentemente de maneiras que foram interpretadas como "gozação" (ou, segundo a descrição dos pesquisadores, "comportamentos que (. . .) fariam uma pessoa ingênua ficar apavorada").

Além de ser independente da capacidade de descrição do sujeito, a observação é também independente de sua disposição para fazê-la. Às vezes, a pesquisa social enfrenta resistência da pessoa ou do grupo estudados. As pessoas

podem não ter tempo para ser entrevistadas, ou podem não desejar fazê-lo; podem não gostar de ter sido escolhidas e dever responder a perguntas cujo objetivo não compreendam bem; podem não desejar ser testadas, pois têm medo de não estar à altura dos padrões de seu grupo, e assim por diante. Embora nem sempre a observação possa superar tal resistência à pesquisa, exige menos cooperação ativa dos sujeitos. Certamente, as pessoas observadas podem, se sabem que estão sendo observadas, tentar deliberadamente criar uma impressão específica; no entanto, mesmo assim, é provavelmente mais difícil para elas alterar o que dizem e o que fazem numa situação da vida real que deformar sua memória ou descrição do que fizeram ou disseram.

De outro lado, a observação tem limitações específicas. Enumeramos, como uma vantagem, a possibilidade de registrar os acontecimentos, simultaneamente com sua ocorrência espontânea. O outro lado da moeda é que, freqüentemente, é impossível predizer a ocorrência espontânea de um acontecimento com a exatidão suficiente para nos permitir estar presentes e observá-lo. Se um antropólogo deseja conhecer — através de observação e não por entrevistas — as cerimônias de casamento, precisa esperar a realização de um casamento a que seja convidado. Se um psicólogo social deseja observar o comportamento em situações extremas (por exemplo, durante um desastre), sua resistência física e emocional, bem como sua paciência, podem passar por uma dura prova. Mesmo a observação de acontecimentos diários pode tornar-se difícil por causa da possibilidade de fatores imprevisíveis que interferem na tarefa de observação. Um observador que tenta coligir dados sobre os jogos de crianças num parque está na dependência do tempo, de atrações na rua que possam interromper os jogos, de brigas, etc. Nesses casos, a não ser que existam boas razões para a utilização de observação direta, o método de entrevista é freqüentemente mais econômico.

Além disso, a possibilidade prática de aplicação de técnicas de observação é limitada pela duração dos acontecimentos. As histórias de vida, por exemplo, dificilmente poderiam ser obtidas dessa forma. Além disso, alguns acontecimentos que as pessoas podem descrever — e estão disponíveis a fazê-lo — raramente são acessíveis à observação direta, e talvez nunca o sejam. O comportamento sexual, uma crise

na família ou um tranqüilo café da manhã em casa são exemplos de acontecimentos que, geralmente, não são acessíveis à observação direta de um estranho.

No entanto, uma noção predominante sobre uma limitação da técnica de observação — a idéia de que os dados de observação não podem ser quantificados — é errada. É bem verdade que, historicamente, os dados de observação foram mais freqüentemente apresentados sem qualquer tentativa de quantificação. O trabalho pioneiro no emprego de técnicas de observação foi realizado por antropólogos que estudavam culturas pequenas e isoladas, e não sentiam necessidade de quantificar suas observações. A riqueza de seus dados, baseados em sua abordagem sutil e aguda, tentou outros cientistas sociais a adotar métodos semelhantes. Ao fazê-lo, aceitaram não apenas a sutileza do método, mas também o desprezo pelas possibilidades de quantificação. Isso não significa que os dados de observação devam ser quantificados, mas é importante notar que podem sê-lo.

A observação pode servir a diferentes objetivos da pesquisa. Pode ser usada de maneira exploratória, a fim de conseguir intuições que mais tarde serão verificadas por outras técnicas; seu objetivo pode ser a obtenção de dados suplementares significativos ou que possam auxiliar na interpretação de resultados obtidos por outras técnicas; pode ser usada como o método básico de coleta de dados nos estudos destinados à obtenção de descrições exatas de situações ou à verificação de hipóteses causais. A observação pode ocorrer em situações da "vida real" ou no laboratório. Os processos de observações podem ir desde a mais completa flexibilidade, orientada apenas pela formulação do problema a ser estudado e por algumas idéias gerais a respeito de aspectos de provável importância, até o uso de instrumentos formais minuciosos, criados antecipadamente. O observador pode participar ativamente no grupo que observa; pode ser definido como um observador que não faz parte do grupo; sua presença pode ser desconhecida para algumas ou todas as pessoas que observa.

De modo geral, o grau de estrutura e o grau de participação tendem a variar de acordo com o objetivo do estudo. Num estudo exploratório, os processos de observação tendem a ser relativamente não-estruturados, e o observador tende mais a participar na atividade do grupo que num estudo

focalizado na descrição exata de uma situação ou na verificação de uma hipótese causal. No entanto, tais características não variam necessariamente em conjunto. O pesquisador num estudo exploratório pode ser claramente identificado como um observador que estuda o grupo, ou sua presença pode ser ignorada por este. Por exemplo, um pesquisador interessado na criação de hipóteses a respeito do comportamento social de crianças pequenas pode observar um grupo de escolares, colocando-se atrás de uma parede de visão unilateral; pode também estar com o grupo, tomar notas, mas evitar qualquer interação com as crianças. Os observadores participantes podem usar instrumentos de observação muito estruturados; por exemplo, numa pesquisa sobre certo aspecto da psicoterapia, pacientes e terapeutas podem preencher escalas formais de avaliação. E, evidentemente, existem graus de estrutura, e não uma distinção nítida entre observação "sistemática" e "assistemática."

Qualquer que seja o objetivo do estudo, o pesquisador enfrenta quatro questões amplas: (1) O que deve ser observado? (2) Como registrar as observações? (3) Que processos devem ser usados para tentar garantir a exatidão da observação? (4) Que relação deve existir entre o observador e o observado, e como é possível estabelecer tal relação?

Como as maneiras de responder a essas perguntas são um pouco diferentes, de acordo com a natureza do estudo e a relativa estruturação dos processos de observação, discutiremos em separado tais questões para a observação relativamente sistemática e a relativamente assistemática. Dado o uso frequente de observação assistemática em estudos exploratórios e em situações em que o observador participa na atividade do grupo, na seção sobre observação assistemática consideraremos os problemas específicos de observação de exploração e de observação participante.

No entanto, uma questão fundamental — a necessidade de atenção à correção e adequação da observação — é tão básica, qualquer que seja o grau de estrutura dos processos usados, que parece adequado discutir-la aqui.

Como, em nossas vidas diárias, todos nós observamos constantemente, podemos ser levados a pensar que não é necessário um treinamento especial para tornar-se um observador científico. Mas a observação da vida diária é cética. Prestamos atenção em algumas coisas, não em outras. Podemos observar com um objetivo, tal como ocorre no caso dos

sinais de trânsito ou do tempo; podemos observar por curiosidade; podemos observar apenas porque nossos olhos estão abertos, nossos órgãos dos sentidos são sensíveis e os estímulos os atingem. Nossas observações podem concordar com as de outras pessoas que observaram o mesmo acontecimento, ou podem ser muito diferentes. A seleção, as inexactidões e as omissões da observação de há muito oferecem demonstrações interessantes e instrutivas para as aulas de ciências sociais. Um dos primeiros desses experimentos foi realizado por Münsterberg (1908), no início do século vinte:

Coloquei-me num estrado, atrás de uma mesa baixa, e pedi às pessoas (numa aula de psicologia) que observassem a descrevessem o que ia fazer, entre um sinal e outro. Logo depois do sinal, levantei com minha mão direita uma pequena roda, que girava com um disco colorido e fiz com que rodasse e mudasse de cor; durante todo o tempo, enquanto mantinha o pequeno instrumento à altura de minha cabeça, voltava meus olhos avidamente para êle. Enquanto isso ocorria, até o momento do sinal de encerramento, com minha mão esquerda peguei, inicialmente, um lápis do bôlso de meu paletó e escrevi algo na mesa; depois, treí meu relógio e coloquei-o na mesa; depois tirei uma cigarreira de prata do meu bôlso, abri-a, treí um cigarro e fechei-a com ruído alto, colocando-a de novo no bôlso; depois veio o sinal de encerramento. Os resultados mostraram que dezoito por cento tinham notado de tudo que eu fizera com a mão esquerda. O lápis, o relógio e os cigarros simplesmente não tinham existido para êles. O simples fato de que, aparentemente, eu estava dando toda minha atenção à roda colorida tinha, evidentemente, inibido sua impressão do outro lado. No entanto, fiz os movimentos da mão esquerda de forma tão ostensiva, e antecipadamente tinha tão categoricamente insistido para que observassem todos os meus movimentos, que dificilmente poderia esperar fazer com que qualquer um dêles deixasse de lado a maior parte de minhas ações.

A partir de alguns experimentos semelhantes, e da análise de testemunho apresentado em processos jurídicos, Münsterberg comenta:

As fontes de êrro começam (. . .) antes da recordação. A observação pode ser deficiente e ilusória; as associações erradas podem torná-la imperfeita; os julgamentos podem deformar a experiência; as influências de sugestão podem falsar os dados dos sentidos

Inúmeros experimentos posteriores confirmaram tais conclusões. Indicam a necessidade de treinamento cuidadoso de observadores e processos sistemáticos para a verificação da precisão de suas observações. Como a natureza do treinamento e os processos de verificação são um pouco diversos nos tipos de observação, serão discutidos separadamente nas secções seguintes a respeito de observação *sistemática* e *assistemática*.

Observação Assistemática³

A principal contribuição para a observação assistemática tem sido dada pela antropologia social, onde frequentemente se apresenta sob a forma de *observação participante*. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo, e participa de sua atuação. Posteriormente, nesta secção, discutiremos alguns dos problemas e questões existentes no caso de o observador participar do processo que observa. No entanto, grande parte da discussão é significativa para a observação participante e não-participante, quando o observador não tem um conjunto pré-estabelecido de categorias.

O CONTEÚDO DA OBSERVAÇÃO

A primeira pergunta a ser enfrentada pelo observador é a seguinte: o que deve ser observado? "Tudo" é um objetivo inatingível, pois não se pode esperar que mesmo o melhor observador ou a melhor equipe de observadores apresentem um *registro completo*, mesmo de acontecimentos aparen-

3 Para discussão mais minuciosa dos muitos problemas que surgem nesse tipo de observação — com acentuação de situações em que o observador participa da atividade do grupo — ver Whyte (1951). Grande parte do material desta secção foi transcrita, com a permissão do Dr. Whyte, diretamente dessa fonte.

temente simples. Por exemplo, durante uma aula de aritmética, numa classe, ocorre muita coisa. A professora realiza determinadas atividades. Cada uma das trinta crianças faz algo ligeiramente diferente. Presume-se que ocorra aprendizagem, mas ocorrem também movimentos e conversas que não se ligam diretamente ao processo de aprendizagem. É impossível registrar todos os pormenores. Desde o início, é preciso enfrentar o difícil problema da seleção. Em estudos muito mais sistemáticos, a formulação do problema de pesquisa indica que tipos de dados serão mais significativos. Mas num estudo exploratório, onde há mais tendência para o emprêgo de observação assistemática, não se sabe antecipadamente que aspectos se revelarão como mais significativos.

Na realidade, é difícil dar uma resposta satisfatória para a pergunta referente "ao que" observar. Como a observação assistemática é muitas vezes usada como técnica exploratória, a compreensão que o observador tem da situação tende a mudar durante o processo. Isso, por sua vez, pode exigir mudanças no que observa, pelo menos até o ponto de tornar mais específico o conteúdo da observação; e, muitas vezes, as mudanças exigidas podem ser fundamentais. Tais mudanças no conteúdo da observação não são indesejáveis. Bem ao contrário; representam o melhor emprêgo da observação assistemática.

Suponha-se que um observador deseje explorar as práticas de educação de crianças numa cultura estranha. Provavelmente começará pela observação de situações nas quais a mãe e a criança estão juntas. Durante suas observações iniciais pode descobrir que tais situações são muito menos frequentes do que pensava, pois as mães nessa cultura saem para trabalhar, enquanto os pais e os irmãos mais velhos tomam conta dos bebês. Logo que se convença desse fato, naturalmente o foco de sua observação passará para as pessoas a quem é confiado o cuidado com as crianças pequenas.

Frequentemente, a mudança de foco acompanha uma limitação da amplitude da observação. Suponha-se que um observador deseje explorar as relações sociais entre as famílias numa comunidade suburbana. Pode começar pela observação da vida na rua, nos centros de compra, na confeitaria

local; pode freqüentar reuniões de clubes e conferências, observar as pessoas reunidas diante do teatro local, visitar sessões do corpo legislativo local, ficar com os pais que esperam a saída das crianças na escola, etc. Suas observações iniciais podem revelar que a vida nas ruas é corrida e não provoca relações sociais nessa comunidade; que as famílias fazem seus pedidos pelos telefones ou mandam uma empregada à loja; que a confeitaria é um centro de atividades apenas para os adolescentes, etc. Provavelmente, depois de um período inicial de observações excluirá tais situações de seu roteiro e limitará o foco de sua atenção às que parecem mais produtivas para seu objetivo.

No entanto, embora a limitação da amplitude de situações a serem observadas facilite a observação, ainda não responde à parte crucial da pergunta — o que observar. Entre os aspectos de uma situação social que foi reconhecida como produtiva, quais devem ser notados?

Não é possível apresentar regras rápidas e fáceis; o observador precisa estar sempre preparado para tirar, de acontecimentos não previstos, as suas indicações. Apesar disso, uma lista de verificação como a apresentada a seguir pode prestar algum auxílio. A lista indica os elementos significativos de tôdas as situações sociais; sugere orientações de observação que, de outro modo, podem ser desprezadas.

1. *Os participantes.* Aqui, desejamos saber: quem são os participantes, como estão relacionados entre si, quantos são? Existem várias maneiras para caracterizar os participantes, mas geralmente desejamos saber, pelo menos, o seguinte, a respeito de qualquer pessoa que esteja sendo observada: idade, sexo, função oficial (por ex., "professor", "médico", "espectador", "freguês", "hóspede", "presidente do clube") na situação que está sendo observada e no sistema profissional da comunidade mais ampla. Desejamos saber, também, como se relacionam os participantes entre si: são estranhos ou se conhecem? São membros da mesma coletividade, e, se isso ocorre, qual o seu tipo — por exemplo, um grupo informal de amizade, uma fraternidade ou clube, uma fábrica, uma igreja? Que estruturas ou agrupamentos existem entre os participantes — por ex., será possível identificar, por sua reunião espacial ou por seus padrões de interação, os "grupinhos", as pessoas centrais e as isoladas?

2. *A situação.* Uma situação social pode ocorrer em muitos locais — por ex., uma venda, uma esquina movimentada, um refeitório de uma fábrica, uma escola maternal, uma residência na favela, uma residência luxuosa. A respeito da situação desejamos saber, além de sua aparência, que tipos de comportamento estimula, permite, desestimula ou impede. As características sociais da situação podem ser descritas através dos tipos de comportamento que tendem a ser percebidos como esperados ou inesperados, aprovados ou condenados, conformistas ou divergentes.

3. *O objetivo.* Existirá algum objetivo oficial que reuniu os participantes, ou será que se reuniram por acaso? Se existe um objetivo oficial, qual é êle — por ex., assistir a um entêro, competir numa corrida de barcos, participar de uma cerimônia religiosa, reunião de comissão, divertir-se numa festa? Como é que os participantes reagem ao objetivo oficial da situação — por ex., aceitam ou rejeitam tal objetivo? Quais são os objetivos — além dos oficiais — que os participantes parecem procurar? Será que os objetivos dos participantes são compatíveis ou antagonicos?

4. *O comportamento social.* Aqui, desejamos saber o que realmente ocorre. O que os participantes fazem, como o fazem, com quem e com que o fazem? Com relação ao comportamento, geralmente desejamos saber o seguinte: (a) qual o estímulo ou acontecimento que o iniciou; (b) qual o seu objetivo aparente; (c) para quem ou para que se dirige o comportamento; (d) qual a forma de atividade provocada pelo comportamento (por exemplo, falar, correr, guiar automóvel, gesticular, sentar); (e) quais são as qualidades do comportamento (por exemplo, sua intensidade, persistência, estranheza, adequação, duração, afetividade, maneirismos); (f) quais os seus efeitos (por exemplo, que comportamento provoca nos outros)?

5. *Freqüência e duração.* Aqui, desejamos saber a resposta a algumas perguntas, tais como as seguintes: quando foi que a situação ocorreu? Quanto tempo durou? É um tipo repetido ou único de situação? Se se repete, com que freqüência ocorre? Quais as oportunidades que a provocam? Até que ponto a ocasião observada é típica de tais situações?

Deve-se acentuar que esta lista não é aplicável, em sua totalidade, a todas as situações observadas. Frequentemente é impossível obter indicações suficientes para descrição tão ampla. De outro lado, a ocorrência dos acontecimentos pode ser tão rápida que não permite a consideração de todas as dimensões de uma situação social. Ou algum aspecto de um acontecimento pode exigir toda a atenção do observador, com a exclusão quase completa de tudo o mais. A lista tem, como sua maior vantagem, o planejamento do conteúdo das atividades de observação.

REGISTRO DA OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA

Ao registrar a observação assistemática, duas perguntas devem ser consideradas: quando o observador deve tomar notas? Como tomá-las?

Indiscutivelmente, o melhor momento para registro se localiza na duração do acontecimento. Disso resulta um mínimo de viés seletivo e de deformação pela memória. No entanto, existem muitas situações em que é impossível tomar notas no local, pois isso perturbaria a naturalidade da situação ou despertaria a desconfiança das pessoas observadas. Naturalmente, isso tende a ocorrer na observação participante. Além do mais, a constante preocupação com as notas pode interferir na qualidade da observação. O observador pode facilmente perder aspectos significativos da situação, se dividir sua atenção entre a observação e a anotação.

Alguns antropólogos inventaram recursos mnemônicos que podem ser adaptados por outros pesquisadores, de acordo com suas necessidades. Por exemplo, E. J. Lindgren (1935) diz o seguinte:

Descobri recursos para memorização que são muito úteis no trabalho etnográfico. Assim, durante uma cerimônia de curandeiro, que pode durar dez horas e que apresenta, segundo disse, peculiaridades difíceis, associo o primeiro incidente notável à letra "A", o segundo à letra "B", e assim por diante. Se eu não puder voltar para minha barraca antes das duas ou três da madrugada, quando geralmente estou excessivamente cansado para tomar notas, posso pelo menos escrever essas letras chave, que me guiarão no dia seguinte, ao escrever uma descrição mais completa.

Nas situações em que não é possível a anotação imediata e minuciosa, a memória do observador pode ser muito sobrecarregada se o registro for transferido para depois do período de observação. Para tais situações, é bom adquirir o hábito de anotar, de maneira quase imperceptível, palavras chave significativas, em uma pequena folha de papel, nas costas de um envelope ou em outro material que não chame a atenção. Se a quantidade de registro é tão grande que esse método não satisfaz ao observador, pode decidir, se isso for possível, afastar-se da situação durante alguns minutos — em cada período de uma ou duas horas — a fim de fazer anotações mais minuciosas.

Qualquer que seja o método de registro de suas impressões imediatas, o observador deve escrever, tão logo quanto possível depois de um período de observação, uma descrição completa de tudo na situação que deseja lembrar. A anotação geralmente será feita sob a forma de narrativa. Cada registro de um período de observação contém muitas informações. À medida que se acumulam os registros de observação, torna-se difícil ou impossível lembrar quais dos registros contém ou não informação sobre determinado tópico. Alguns sistemas de índice é essencial, para que o observador evite perder muitas horas a procurar, em suas anotações, alguns itens que lembra vagamente mas não pode localizar. O sistema de índice deve ser adaptado ao objetivo da pesquisa, de forma que aqui não é possível apresentar regras específicas. Todavia, o índice deve contar, pelo menos, as seguintes informações: número ou data das notas de observação (ou de entrevista, no caso de observação participante⁴); o principal grupo registrado (a não ser que o estudo se limite exclusivamente a um grupo); nomes das pessoas observadas ou entrevistadas, e talvez os nomes das pessoas por elas discutidas; breve sumário do que é abrangido pelas anotações.

4 Um observador que participa como membro de um grupo, naturalmente falará com outros membros do grupo. Algumas dessas conversas podem ter a função de entrevistas, pois os outros membros darão, ao observador, informação sobre acontecimentos passados, suas reações aos acontecimentos atuais, etc. Geralmente, tais entrevistas serão assistemáticas (ver o Capítulo 7); o observador pode combiná-las com as notas mais estritas de observação, tanto em seus registros quanto em sua análise. Para uma discussão das vantagens relativas de observação e entrevistas assistemáticas, bem como das maneiras de combater as duas, ver Dean (1954).

À medida que a pesquisa se torna mais claramente focalizada, o pesquisador pode criar um sistema mais complexo de índice. Por exemplo, durante um estudo de um bando de rua, pode decidir, provisoriamente, que a análise provavelmente se centralizará em alguns tópicos — por exemplo, relações com outros bandos, relações com adultos, relações com móveis, atitudes e comportamento com relação ao trabalho, atitudes e comportamento com relação a entorpecentes. Depois, cada um desses tópicos pode tornar-se uma categoria no índice. Se, com papel carbono, o observador fez cópias de suas notas (o que é um processo sempre recomendável), pode desajar recortar uma cópia, a fim de organizar os vários itens em cada uma das categorias apropriadas do índice. No entanto, a fim de evitar perder o contexto de determinado item — o que pode ser importante para sua interpretação — é desejável conservar uma cópia da observação na forma original de narrativa cronológica. É possível fazer notas na margem, a fim de indicar as categorias de índice para as quais são importantes os vários parágrafos.

O AUMENTO DA EXATIDÃO DA OBSERVAÇÃO

Quando, pela primeira vez, uma pessoa observa situações em que o registro imediato é impossível, tende a verificar que, ao ter oportunidade para escrever suas observações, pouco lembra do que foi dito e feito, ou lembra apenas de maneira vaga e confusa. Todavia, com a experiência, aumenta a capacidade para lembrar, e o observador chega a *pensar* que é capaz de registrar, quase literalmente, partes significativas de conversas. No entanto, essa impressão não substitui uma verificação independente. A fim de verificar a exatidão e a amplitude do registro do observador, é interessante compará-lo com um registro feito por gravador. No entanto, isso nem sempre é possível; ao que sabemos, essa comparação nunca foi feita.⁵ De qualquer forma, um gravador guarda, fundamentalmente, aquilo que é *dito*; não pode registrar gestos e outros comportamentos não-verbais. A completação da

⁵ Os estudos de *entrevistas*, nas quais foram usadas gravações de fita, mostraram que mesmo quando o entrevistador registra as respostas durante sua apresentação, ocorrem omissões e distorções (ver Hyman *et al.*, 1954). Parece razoável supor que são ainda mais frequentes quando as observações e conversas são registradas de memória.

gravação por um filme seria, quase sempre, absurdamente cara, mesmo que, sob outros aspectos, fosse possível.

Diante disso, a melhor solução de que dispomos é fazer com que duas ou mais pessoas observem o mesmo acontecimento. Quando duas ou mais pessoas observam e registram a mesma área de problema, podem comparar seus resultados e verificar seu viés. É desejável que façam, inicialmente, registros separados, de forma que os registros escritos possam ser comparados. Essa é uma forma excelente para descobrir nossos "pontos cegos." Quando são observadores participantes da situação, cada um terá oportunidades para observar o outro em ação, e verificar como as pessoas reagem a ele. Isso dá, a cada observador, uma valiosa verificação a seu próprio respeito. Mesmo que não seja possível usar mais de um observador, durante todo o estudo, pode ser desejável fazê-lo nas etapas iniciais, ou pelo menos durante um período "piloto", numa situação semelhante àquela que será observada durante a pesquisa.

Todavia, o uso de mais de um observador não apresentará indicações quanto ao viés de interpretação comuns a todos. Quando os observadores têm antecedentes culturais comuns e uma educação semelhante — que é o que geralmente ocorre — é inevitável que tenham, em comum, algumas maneiras de perceber e interpretar os acontecimentos. O fato de tais maneiras de perceber e interpretar constituírem ou não uma fonte séria de viés potencial depende, em grande parte, da natureza dos dados coligidos. Se, ao observar o bando de rua, o pesquisador está interessado, fundamentalmente, em saber, por exemplo, quais os membros centrais, quais os periféricos, seu ponto de vista pode ter pouca influência. No entanto, se estiver interessado, por exemplo, na relativa agressividade ou amizade entre os membros do bando, seu ponto de vista pode ter muita influência. O comportamento que um observador de classe média interpreta como agressão, pode parecer, a alguém que cresceu no meio de um bando de rua, uma brincadeira pesada, mas bem intencionada. Quando as interpretações desse tipo são importantes para o estudo, é desejável (embora freqüentemente impossível) fazer com que dois observadores de antecedentes muito diversos observem a mesma situação.

Quando o observador trabalha sozinho, ou quando trabalha como membro de uma equipe, pode aumentar a objetividade de suas observações ao indicar, durante as anotações,

as afirmações referentes à observação real e as que representam suas interpretações. Isso não é fácil. A interpretação do sentido de uma situação deve estar, até certo ponto, na predisposição mental do observador durante o ato da observação; se não fosse assim, ele não poderia perceber as relações entre movimentos isolados, gestos, afirmações e condições objetivas da situação. Quando o observador participa da atividade com as pessoas que observa, pelo menos até o ponto de fazer-lhes perguntas, sua interpretação provisoría de uma situação pode leva-lo a fazer perguntas. Estas, por sua vez, podem orientar e focalizar as respostas do informante, e talvez até sugerir-lhe algumas interpretações de acontecimentos — que, de outro modo, não lhe teriam ocorrido.

Apesar da dificuldade da tarefa, é possível tentar separar observações de interpretações, e tais esforços serão recompensados por maior compreensão da situação. Um excesso de interpretação no registro de um observador pode interferir seriamente na validade e na precisão de suas conclusões, no final do estudo. Uma forma de perceber a interferência da interpretação é fazer com que dois observadores registrem o mesmo acontecimento, de acôrdo com o mesmo sistema. Se suas descrições são diferentes, não é difícil verificar se tais diferenças resultam da inclusão, por um deles, de maiores minúcias, ou da inclusão de interpretação, por um deles, ou por ambos. (O acôrdo entre eles não indica, necessariamente, que não tenha ocorrido interpretação). No caso de descrições de informantes, se registrar as perguntas e as razões para fazê-las, o pesquisador pode tornar-se mais sensível à possível influência de suas interpretações pessoais das afirmações dos informantes.

O observador participante enfrenta dificuldades muito severas na manutenção da objetividade. Tende a criar relações amistosas com algumas das pessoas que estuda. Pode verificar que se preocupa, pessoalmente, com uma história narrada por um dos informantes. O registro completo auxilia a refazer a objetividade. Ao registrar a história, o observador tem uma experiência semelhante à da catarse. Continua interessado pelo informante e por sua história, mas já é capaz de ver mais objetivamente o registro. Em vez de sentir, como o informante, que este agiu corretamente e que o outro estava errado, o observador começa a perguntar: por que será que o informante fez o que fez? Procura explicar, em vez de defender ou acusar. Um registro completo de entrevistas e

observações é importante para a manutenção da objetividade do pesquisador, bem como para apresentação dos dados de pesquisa.

O fato de se envolver numa situação pode reduzir a agudeza da observação, não apenas porque o pesquisador se identifica com os seus informantes, mas também porque se acostuma com certos tipos de comportamento. Para obter dados íntimos, o observador se torna integrado na cultura local, mas, quando isso ocorre, esse processo de integração faz com que aceite, como indiscutível, o comportamento que deveria tentar explicar. Whyte (1951) diz que, ao começar a pesquisa que descreveu em *Street Corner Society*, tudo que via e ouvia era novo e estranho, e em seu pensamento ocorriam todos os tipos de perguntas. No entanto, nesse momento não tinha conhecimento suficiente nem dados suficientes para fazer boas perguntas e obter qualquer resposta. A medida que se tornava parte da comunidade, aumentou a riqueza de seus dados; todavia, verificou em si mesmo uma tendência crescente para aceitar, sem discussão, o tipo de comportamento que era assim aceito pelas pessoas que observava.

Como enfrentar esse problema? É difícil que o observador possa evitar tornar-se acostumado à situação que estuda e, assim, tornar-se cego para dados valiosos. Até certo ponto, pode melhorar a situação se procurar tornar-se consciente de sua tendência para aceitar as coisas sem discussão. Se escreve, as etapas da pesquisa em intervalos bem regulares, verificará, na leitura, aspectos mal explicados, ou que precisam de explicações que não são apresentadas. É ainda mais útil descrever e explicar, regularmente, suas observações a alguém que esteja fora da situação. O estranho não aceita tantas coisas sem discussão, e suas perguntas representam uma garantia contra os crescentes pontos cegos.

A consulta de uma lista de verificação, como a apresentada nas pp. 224-225, pode também auxiliar a superar os pontos cegos, sobretudo se a lista for consultada com a seguinte atitude: "Estarei deixando de lado alguma coisa, neste item, que é significativa para o contexto deste estudo?"

É também possível superar os pontos cegos se deliberadamente "quebrarmos" o campo perceptivo, de forma que os fatores que fazem com que seja percebido de determinada maneira percam grande parte de sua força. A maneira natural de ver uma situação (e, para a maioria dos objetivos, essa é

também a mais válida) é ver a ação centralizada nas personagens principais. Mas às vezes o centro da ação não é o centro evidente. Por exemplo, um dentre quatro informantes descreveu, de modo informal, uma família que conheceu intimamente por muitos anos. Para ele, sempre pareceu óbvio que a mãe era a figura central no grupo. Era ela que dirigia, que castigava, que dava orientação e estabelecia os limites para as atividades das crianças. O pai parecia uma quantidade negativa. Raramente falava. Quando voltava para casa, ninguém parecia tomar conhecimento dele. Nunca havia cumprimentos. Ficava parado, lendo um livro; depois, notava-se que já não estava lá, e sua partida era assinalada por pouco mais que o suave fechamento de uma porta. As crianças apresentaram certas perturbações de comportamento, e foi ao tentar compreendê-las que nosso colega finalmente compreendeu que tinha percebido de forma totalmente errada a constelação familiar. Na realidade, toda a família girava em torno da pessoa do pai. A mãe procurava, constantemente, interpretar os desejos do pai, organizar as coisas de forma que estivessem de acordo com as noções que o pai tinha delas. As crianças sabiam muito bem que a fonte final de aprovação e desaprovacão era o pai. E a mãe e os filhos atribuíam um poder místico às poucas palavras do pai; acreditavam que mesmo a sua observação mais desprezível seria correta.

Às vezes descobrimos que um dos pais, morto ou ausente há muitos anos, é, apesar disso, o centro real da situação. Em qualquer grupo, algumas funções importantes da liderança não são atribuídas, necessariamente, aos líderes aparentes; pode haver diferentes fontes ocultas de poder, sem que tenham a posição formal de liderança — indivíduos que cristalizam a opinião, que nas emergências organizam a ação, que fecham determinados caminhos para a ação, que passam para o centro dos acontecimentos em determinadas oportunidades, etc. Ao voltar nossa atenção para indivíduos que não parecem ser o centro de um grupo, podemos conseguir uma compreensão inteiramente nova de relações importantes. Uma verificação de tipo bem diferente da exatidão da observação e da interpretação pode ser obtida através das pessoas que são observadas, desde que o pesquisador com elas estabeleça o tipo de relação que lhe permita nelas confiar em assuntos da pesquisa. Whyte (1951), por exemplo, diz que, ao obter dados para *Sweet Corner Society*, teve

inúmeras discussões sobre a pesquisa com "Doc," uma das figuras centrais no grupo que observava, e que "Doc" leu todas as páginas de seu primeiro rascunho da pesquisa. Está claro que, geralmente, os participantes da situação não podem verificar a validade das interpretações teóricas, mas podem dizer, ao observar, se este apreendeu o sentido que a situação e o comportamento tinham *para elas*.

Rosenfeld (1958) sugeriu que a situação de observador participante tende a criar, no pesquisador, conflitos íntimos que podem interferir na objetividade. Essa autora diz que, sobretudo se o grupo observado passa por alguma situação difícil, o observador sente grande pressão para tornar-se um participante ativo, até o ponto de abandonar, pelo menos temporariamente, sua posição "distante" de observador. Se não o fizer, pode sentir-se culpado por não ter auxiliado, quando a ajuda era necessária. De outro lado, se ingressa inteiramente nas atividades do grupo, torna-se angustiado por perder sua identidade de cientista. A fim de restabelecer sua posição de pesquisador objetivo, pode afastar-se, a fim de separar-se do grupo que observa; ao fazê-lo pode tornar-se suscetível a fontes de viés negativo e deformação. Rosenfeld sugere que o primeiro passo para resguardar-se do viés que surge dos conflitos íntimos é ter consciência dos conflitos e da natureza de nossas defesas. Com essa consciência, o pesquisador pode criar defesas adequadas para a natureza dos conflitos e da situação estudada.

A RELAÇÃO ENTRE OBSERVADOR E OBSERVADO

Nunca será demais acenar a necessidade de preparação adequada do pesquisador e do campo a ser observado. Aqui, mais que em muitas outras técnicas, os erros na maneira de estudar são severamente castigados. Se, numa pesquisa baseada em amostra, uma forma errada de abordagem de uma pessoa provoca uma recusa para entrevista, geralmente é possível substituí-la por outra pessoa, sem que a pesquisa seja muito prejudicada. (Evidentemente, se houver muitos casos iguais, o pesquisador ficará preocupado com possibilidades de viés na amostragem.) Na observação de campo, todavia, uma abordagem errada de uma pessoa central pode ter conseqüências terríveis para toda a pesquisa. Como o método é aplicado na esfera de vida real das pessoas, onde as pessoas estão em contato, trocam opiniões e transmitem

boatos, o observador é inevitavelmente comentado, e seus enganos não podem permanecer como incidentes isolados.

Antes de aproximar-se de alguém da comunidade ou do grupo que deseja estudar, o futuro observador precisa decidir se revelará o fato de ser um pesquisador ou se tentará entrar na situação com algum outro disfarce. Geralmente, parece preferível dizer que se está fazendo pesquisa. Em primeiro lugar, êsse é freqüentemente o processo mais simples; não é fácil aparecer, de repente, como membro de um bando de rua, ou um carpinteiro qualificado, ou algum outro papel que apresente um ponto de vista estratégico para a observação. Em segundo lugar, o fato de a pessoa identificar-se como pesquisador aumenta sua oportunidade para obter informação. Embora seja possível aprender muita coisa a respeito da vida de uma fábrica quando conseguimos um emprêgo nesse local, fazemos introspecção de nossa experiência e notamos o comportamento dos outros, ainda precisamos complementar isso solicitando às pessoas que expliquem o que estão fazendo e por que o fazem. Precisamos ser capazes de propor perguntas — o tipo de perguntas que a pessoa não ouviria de um operário "autêntico" da fábrica. Em terceiro lugar, o pesquisador que se propõe a ingressar numa situação sem revelar seu objetivo de pesquisa tem a obrigação de perguntar a si mesmo se existe qualquer possibilidade de que suas atividades disfarçadas prejudiquem qualquer pessoa da situação, e, se isso ocorrer, se os resultados potenciais de sua pesquisa são tão valiosos que justifiquem a sua aquisição nessas circunstâncias.⁶

Às vezes, no entanto, um pesquisador pode decidir que o conhecimento de seu interesse em pesquisa interteriria no comportamento que precisa observar a fim de responder ao problema de sua pesquisa, e que a observação disfarçada não terá efeitos prejudiciais nas pessoas observadas. Por exemplo, num estudo sobre os efeitos sócio-psicológicos de prolongado

6 Esta é apenas uma, dentre as muitas questões éticas que podem surgir na pesquisa em ciências sociais. Em cada etapa do processo — desde a escolha de um tópico até o relatório e aplicação dos resultados — pode ser importante considerar as suas consequências éticas. Ao propor e responder tais questões, será bom que o pesquisador consulte a publicação da American Psychological Association (1953), intitulada *Ethical Standards of Psychologists*, sobretudo as pp. 113-124, a discussão de Rogers e Skinner (1956), o volume do *Journal of Social Issues* dedicado a "os valores e o cientista social" (Beane e Swanson, 1950).

desemprego numa pequena cidade austríaca (Jahoda, Lazarsfeld e Zeisl, 1932), o planejamento do estudo exigia uma observação do padrão de manutenção nas casas dos desempregados. Como o auxílio austríaco ao desemprego estava ligado a uma pesquisa oficial das necessidades reais dos desempregados, era compreensível que as famílias não gostassem de admitir pessoas estranhas e curiosas em suas casas. Para superar essa dificuldade, levou-se à pequena cidade uma grande quantidade de roupa usada. Com o pretexto de verificar as necessidades mais urgentes de roupas de cada família, os pesquisadores, que se apresentaram como membros de um grupo voluntário de auxílio, puderam entrar nas casas, onde foram recebidos de braços abertos assim que se soube de sua missão de distribuir roupas.

Dois exemplos recentes de dados obtidos por observadores disfarçados — e que provavelmente não poderiam ser obtidos de outra forma — são apresentados por Sherif e Sherif (1953) e Festinger, Riecken e Schachter (1956). No primeiro caso, as atividades de bandos de meninos num acampamento de verão foram observadas por um pesquisador disfarçado de trabalhador no acampamento. No segundo caso, uma seita religiosa que tinha previsto o fim do mundo foi observada por pesquisadores que fingiam estar convertidos à seita.

A entrada numa comunidade, como pesquisador reconhecido, pode exigir menos capacidade inventiva que a entrada com algum outro disfarce, mas, apesar disso, exige um treinamento cuidadoso. De acordo com sua tarefa específica, o observador desejará ter boas relações com os numerosos estranhos da população. Por exemplo, se estuda uma fábrica precisará ser aceito pela administração e pelos operários. A não ser que deseje correr o risco de ser identificado com um dos lados da estrutura industrial, o pesquisador precisa, por assim dizer, encenar uma entrada simultânea nos dois lados da fábrica. O problema se torna ainda mais complexo nos estudos de comunidade, onde geralmente existem mais de dois lados que devem ser abordados simultaneamente. Aqui, a tarefa essencial é evitar identificação prematura com um lado ou uma facção da comunidade.⁷

7 Para discussão mais minuciosa deste problema, ver Merton (1947).

No momento em que o observador ingressa na comunidade, deve estar preparado para apresentar uma justificativa para sua presença, que a torne compreensível e aceitável por todos os membros da comunidade. As vezes, pode deixar que as pessoas influentes na comunidade dirijam a explicação do trabalho do pesquisador. Mesmo nesse caso, no entanto, o pesquisador deve participar da explicação do papel que desempenhará durante sua estada na comunidade. A respeito da explicação de seu papel, o observador já deve ter decidido quanto ao grau de sua participação. Isso pode variar, desde um mínimo — por exemplo, responder quando interrogado — até atividade fundamental na comunidade.

A primeira vista, pode parecer que elevado grau de participação só se justifique como concessão inevitável às exigências práticas da situação. Afinal, um elevado grau de participação não apenas exige mais esforço do pesquisador, mas introduz uma nova pessoa na comunidade — o observador participante, cuja presença pode mudá-la até um ponto desconhecido. No entanto, a participação na vida da comunidade pode, na realidade, aumentar a "naturalidade" da posição do observador. Existem muitas situações em que o observador será percebido como um estranho indutor, a não ser que tenha uma função significativa para os membros da comunidade. No entanto, para a pesquisa, a importância da participação ativa não se limita a afastamento de suspeita, estabelecimento de boa relação com os observados e aumento da "naturalidade" da posição do observador. Sua principal função para a pesquisa consiste em abrir novos caminhos para a compreensão. Através da intensiva participação na vida da comunidade, o observador se expõe a experiências que lhe dão um conhecimento direto das pressões e reações mais sutis a que estão expostos os membros da comunidade. Sua introspecção dessas experiências de participante representa um dos recursos mais produtivos para a compreensão das características da comunidade.

Além disso, a participação ativa abre o caminho para fontes de informação que, de outra forma, poderiam permanecer inacessíveis. Assim, é natural que um participante ativo entre em conversas aparentemente informais e espontâneas, através das quais pode aprender muitas coisas que se perderiam em entrevistas mais formais.

Em geral, será melhor que o observador estabeleça gradualmente suas relações, e não tente ir muito longe, muito

dépressa. Os tópicos com uma conotação emocional devem ser evitados até que as relações do observador com um informante sejam muito sólidas. De outro modo, um informante pode, numa entrevista inicial, revelar informações muito íntimas, mas depois se arrepender dessa "confissão" e não desejar outras conversas com o observador.

Para manter-se uma boa relação, a participação ativa nunca deve ser imposta a uma comunidade resistente ou a um grupo da comunidade. As características pessoais do observador, totalmente independentes de suas capacidades científicas, são freqüentemente fatores decisivos na tolerância da comunidade para com sua observação e participação ativa. De acórdio com a situação, haverá preferência por um homem ou uma mulher, uma pessoa jovem ou idosa, um branco ou um negro, um muçulmano ou um hindu. Para o estudo é naturalmente muito interessante obedecer, sempre que possível, a tais preferências.

*Observação Sistemática*⁸

Grande parte do que se disse anteriormente é também aplicável às técnicas mais formais de observação, freqüentemente empregadas em estudos destinados a obter descrição sistemática ou a verificar hipóteses causais. A principal diferença é que, nesses estudos mais sistemáticos, o pesquisador sabe quais os aspectos da atividade do grupo que são significativos para os seus objetivos de pesquisa e, portanto, pode criar um plano específico, antes da coleta de dados, para a realização e o registro de observações.

A observação sistemática, focalizada em determinados aspectos do comportamento, pode ocorrer em situações de campo ou em experimentos controlados em situação de laboratório. Por exemplo, um estudo sobre os efeitos de um curso de treinamento para líderes de grupos de jovens pode exigir a observação de reuniões de alguns grupos de escoteiros. Embora o cientista social tenha pouco ou nenhum controle do que ocorre em tais reuniões, e embora não possa predizer o curso dos acontecimentos, pode estabelecer antecipadamente que tipos de comportamento devem ser observados para que

⁸ Grande parte do material desta seção foi, com a permissão do Dr. Zander, literalmente transcrito de Zander (1951).

consiga obter a informação necessária para responder à sua pergunta de pesquisa. Nas situações de laboratório, o pesquisador pode dispor os principais aspectos da situação, de modo adequado para os seus objetivos de pesquisa e de maneira a reduzir o perigo de interferência inesperada de fatores perturbadores. Poucos dos problemas que surgem numa situação de comunidade perturbarão o observador, desde que este possa organizar e controlar a situação. Aqui, sua atividade de observação está freqüentemente, embora não necessariamente, reduzida à verificação de presença, ausência ou intensidade de tipos claramente especificados de comportamento, mais ou menos como o experimentador de animais observa o comportamento de um rato de uma forma específica, em condições controladas. Evidentemente, tal controle da situação é adequado apenas quando o pesquisador já possui muitas informações sobre os fenômenos que deseja estudar.

Por exemplo, Katz, Goldston e Benjamin (1958) criaram uma série de situações controladas para verificar predições a respeito de interação entre negros e brancos. As hipóteses foram sugeridas por resultados de estudos de campo sobre contato interracial e por experimentos sobre a dinâmica de pequenos grupos face-à-face. Estudantes universitários, brancos e negros, foram "empregados" para trabalhar juntos em grupos de quatro (dois brancos e dois negros), durante várias sessões de três horas. Os membros de cada grupo continuavam juntos durante o seu "emprego" e não tinham contato com outros grupos. As pessoas recebiam tarefas de grupo (aparentemente, materiais que estavam sendo criados para testes de aptidão vocacional), onde havia problemas mentais, de construção mecânica, de relações humanas, desenhos de mapas e um jogo que exigia elevado grau de coordenação de esforço entre os quatro participantes. Foram verificados dois tipos de hipóteses. Em primeiro lugar, havia predições referentes ao efeito, no conteúdo e na direção da comunicação, da diferença geral de status social entre negros e brancos em nossa cultura: que os estudantes brancos tenderiam a ignorar os negros, e que estes falariam menos do que os brancos e a estes dirigiriam a maior parte de suas observações. O segundo grupo de predições referia-se aos efeitos, no comportamento interracial, de duas variáveis experimentais: prêmio do grupo oposto a prêmio individual, e grande prestígio do grupo oposto a ausência de prestígio. Segundo a hipótese, o

prêmio e o prestígio do grupo tenderiam a reduzir os efeitos da disparidade no status social — especificamente, tais condições experimentais provocariam maior amistosidade e cooperação entre os estudantes das duas raças, menos coerção comportamental por parte dos negros, menos "viés" na orientação de comunicações de brancos e negros e maior produtividade do grupo.

Para medir a quantidade e a orientação de tipos significativos de comportamento, foi necessário criar, inicialmente, um conjunto de categorias precisas para observação sistemática e registro. Muitas semanas de trabalho preliminar com grupos "piloto" precederam o estabelecimento de um esquema satisfatório de classificação. Este consistia de vinte e oito categorias de interação para a descrição de alguns comportamentos favoráveis e perturbadores, como os seguintes: ajudar, aconselhar, dar informação e estímulo; rejeitar a sugestão do outro, esconder materiais, desprezar as contradições do outro, exprimir cólera, e assim por diante. A orientação de comportamento foi registrada através da anotação do iniciador e do receptor de todas as ações sociais. Foram criadas categorias específicas para as várias tarefas, de forma que pudessem ser verificadas os efeitos singulares de cada situação de trabalho. Os observadores estavam numa sala vizinha àquela em que trabalhavam os sujeitos, mas colocados atrás de uma tela de visão unilateral; um instrumento de gravação permitia que ouvissem o que era dito. Embora os sujeitos não pudessem ver os observadores, sabiam que estavam sendo observados; foi explicado que, para medir os testes de aptidão, era necessário ter um registro completo da maneira de trabalho das pessoas.

Em conjunto, os resultados dessa complexa pesquisa tendiam a confirmar as hipóteses sobre os efeitos de disparidade de status e de prêmio de grupo; havia tendência para a rejeição das hipóteses sobre os efeitos do prestígio de grupo.

O CONTEÚDO DA OBSERVAÇÃO

A observação sistemática, segundo já foi indicado, é usada sobretudo nos estudos que partem de formulações relativamente específicas. Normalmente, portanto, permite muito menos liberdade de escolha quanto ao conteúdo a ser observado que a observação assistemática.

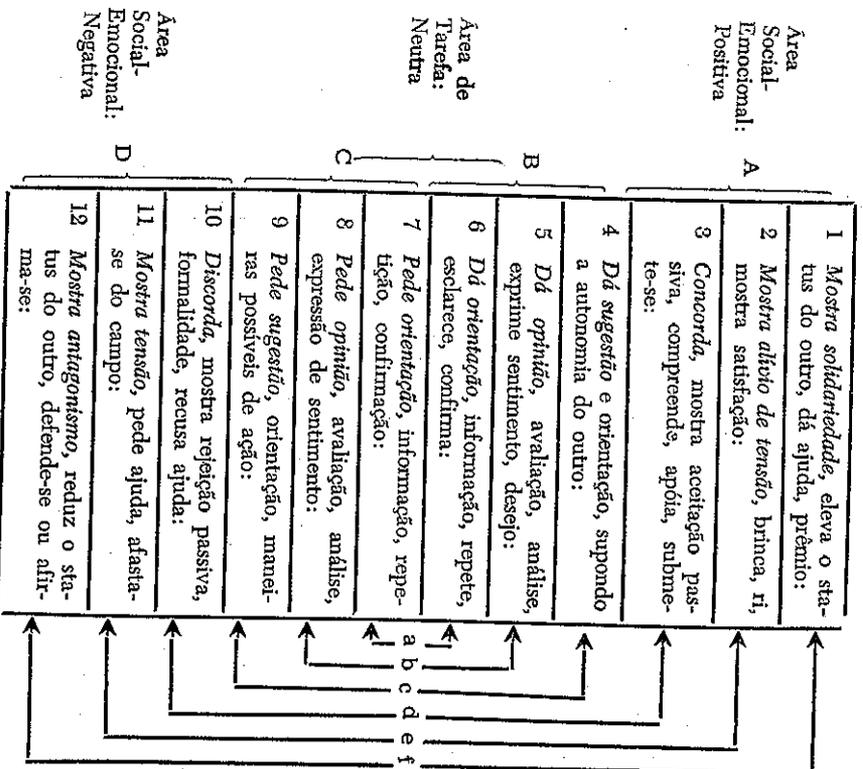
Como a situação e o problema já estão especificados, o observador pode estabelecer, antecipadamente, as categorias em função das quais deseja analisar a situação. Quando começa o trabalho, tende a ter um grande número de categorias. À medida que experimenta seu instrumento, pode descobrir problemas mecânicos de observação e erros na precisão. Para enfrentar tais problemas, algumas categorias são eliminadas, ou combinadas, ou formuladas de maneira mais clara. No momento de fazer as observações "reais", seja no campo, seja num experimento, as categorias terão sido tão bem definidas que possam apresentar dados precisos sobre as perguntas propostas. Por exemplo, Bales (1950) inicialmente empregou mais de cinquenta categorias para observar situações de grupo. À medida que acumulou experiência com a precisão e desenvolveu suas teorias, o número de categorias gradualmente se reduziu. A versão final, apresentada na página seguinte, era um conjunto de doze categorias padronizadas de comportamento, aplicáveis a grande amplitude de situações de grupo. O comportamento de qualquer membro do grupo ou do líder é codificado através de definições cuidadosas de cada categoria.

Durante as primeiras tentativas para usar um instrumento de observação, é útil verificar, através de entrevistas com as pessoas observadas, se, de acordo com sua descrição, fazem ou sentem aquilo que o observador descreveu como sua ação ou sentimento.

O QUADRO DE REFERÊNCIA DO OBSERVADOR. Um observador pode classificar o comportamento de uma pessoa através de supostas reações dos outros membros do grupo, ou pode classificá-lo através da intenção provável da pessoa que falou. Os processos criados por Bales orientam o observador para o primeiro tipo de classificação. O método criado por Steinzor (1949) exige que o observador utilize o segundo tipo de classificação. Evidentemente, é possível usar uma das duas formas, ou as duas. O que é importante é escolher o quadro de referência adequado e, de acordo com isso, treinar os observadores.

Thelen e Withall (1949) descreveram grande acórdo entre observações de grupos da mesma classe, feitas por três equipes de observadores, cada uma das quais trabalhava com um diferente quadro de referência. Os observadores classificavam o comportamento de um professor de acordo com o

O SISTEMA DE CATEGORIAS DE BALES PARA O REGISTRO DE INTERAÇÃO DO GRUPO 9



9 Reproduzido de Bales (1950).

fato de ser "centralizado no aprenderiz" ou "centralizado no professor." Vários observadores concentraram-se no comportamento objetivo do professor. Um número igual de observadores fez inferências sobre as intenções e atitudes do professor. O terceiro grupo era constituído por membros da classe, que indicavam como se sentiam em diferentes momentos, através de alavancas colocadas em suas carteiras. (As pressões nas alavancas eram registradas por um quinógrafo.) As observações feitas de acórido com esses diferentes quadros de referência apresentavam grande acórido na identificação do comportamento do professor, como centralizado no aluno ou no professor. Portanto, parece que em alguns níveis de coleta de dados a natureza do esquema do observador pode ter pouca interferência. No entanto, quanto mais interessados estivermos em minúcias, mais importante pode tornar-se a escolha de um quadro de referência adequado.

Freqüentemente ocorre que certos dados só podem ser codificados em retrospecto. Por exemplo, o fato de uma observação precipitar ou não a tensão do grupo só pode ser verificado diante dos acontecimentos posteriores à observação. Para lidar com esse tipo de classificação, alguns estudos fizeram gravações em fita da situação observada; outros exigem que o observador faça periodicamente uma pausa, a fim de voltar às suas notas para fazer as codificações diante dos acontecimentos subsequentes.

UNIDADES DE TEMPO. O período de tempo incluído, por um observador, em uma anotação, pode variar de poucos segundos a várias horas. O problema central ao estabelecer unidades de tempo é determinar qual seria uma unidade psicologicamente significativa. Por exemplo, pode não ser sensato fazer, a cada dois minutos, uma avaliação da produtividade de uma criança com determinado brinquedo. Essa avaliação talvez precise basear-se na sequência *completa* de acontecimentos no uso que uma criança faz de um brinquedo. Uma forma típica para solucionar esse problema é utilizar mais de um observador. Um deles nota os atos que precisam ser observados à medida que ocorrem — por exemplo, pequenos comentários ou pequenas partes de comportamento motor. O outro apreende uma visão mais ampla, e nota os comportamentos que seriam deformados por obediência rigorosa ao tempo ou a outros critérios de amostragem, e codifica tais comportamentos através de um índice ou de uma

escala de avaliação, sempre que pensa ter dados suficientes para seu objetivo.

O Que é Um Ato? A definição de um ato é difícil quando estamos interessados na classificação do comportamento verbal de uma pessoa. Será que um ato é uma sentença, uma pausa para a respiração, um pensamento completo, ou a menor diferença que puder ser notada entre uma idéia e outra, em determinado discurso? É ainda mais difícil definir um ato quando se registra o comportamento motor, pois a pessoa observada raramente separa um dos seus movimentos de outro, de maneira tão nítida quanto as categorias na ficha de observação. O problema é ainda mais complexo quando se lida com fenômenos de grupo. Será que um ato é um discurso de um dos membros do grupo, uma decisão tomada, uma função executada, um acontecimento, um conjunto de acontecimentos, um item do programa, a completção de um item de uma agenda, uma mudança de disposição, ou o que? A definição de um ato será determinada pelo quadro de referência usado, bem como pelo tamanho das unidades de tempo registradas.

A prática mais freqüente, ao codificar o comportamento verbal, é codificar cada pensamento completo. Uma sentença pode ser classificada em várias categorias, ou em nenhuma delas. A observação de comportamento motor refere-se usualmente à natureza geral do comportamento — por exemplo, sentar-se, andar, largar, gesticular, pegar, etc. De outro lado, os atos registrados de um grupo são, geralmente, decisões, ou a completção de itens de uma agenda ou determinadas fases da reunião.

ESCALAS DE AVALIAÇÃO E CATEGORIAS TUDO OU NADA. Se a intenção da pesquisa exige apenas um registro dos fatos objetivos de comportamento, sem qualquer outra especificação, geralmente são adequadas as categorias de tudo ou nada. "Falar" e "não falar" é um exemplo de uma categoria de tudo ou nada; o observador apenas coloca um sinal em sua folha quando determinada pessoa fala, e não coloca sinais para essa pessoa até que fale novamente. Uma série de categorias isoladas, destinadas a descrever o comportamento da pessoa que fala, pode apresentar-se sob a forma de marcas de tudo ou nada. Por exemplo, num estudo o observador notava, para cada ato de um líder de grupo de jovens, se o líder atava no papel de companheiro, policial, juiz, educador, ou coordenador.

Muitas vezes, todavia, os observadores devem descrever o comportamento de um membro do grupo, através de avaliações em escalas. Ao observar o líder antes mencionado, o observador avalia cada ato de liderança através do grau de liberdade suposto e da intensidade da influência exercida, pelo ato, nos membros do grupo.

MANUTENÇÃO DO PADRÃO DOS FENÔMENOS. Em qualquer situação, as interações pessoais ou fenômenos de grupo consistem certo número de temas que talvez seja importante preservar em seu padrão original. Evidentemente, em muitos estudos é suficiente conseguir um registro de atos separados de seu contexto. Como exemplo, pode-se lembrar a assinatura de frequência de observações dirigidas a um membro divergente do grupo. Em outros estudos, todavia, a principal função dos dados é especificar a natureza de determinado padrão geral de comportamento no grupo — por exemplo, método de ensino utilizado, aumento e diminuição de tensão do grupo, estabelecimento de processos de grupo para o controle de sentimentos dos membros.

Em parte, esse é um problema de análise. No entanto, um recurso preciso de observação pode dar apenas informação fragmentária, que não pode ser combinada num quadro significativo. Por isso, é necessário que o período de experimentação de um instrumento inclua tentativas para codificar os dados, a fim de estarmos certos de poder obter a informação do tipo desejado.

Um estudo sobre liderança em jardins de infância na Hungria (Merei, 1949) dá um exemplo da possibilidade de combinar um conjunto complexo de observações registradas por diferentes observadores, a fim de chegar a um padrão total. Merei estava interessado na relação entre o líder e o grupo, e, principalmente, em saber se a liderança nessa idade se mantém quando uma criança líder é colocada em grupos com diferentes graus de coesão e que ela não conhece. Eis alguns dos critérios usados por Merei para identificar o comportamento de liderança: mais frequentemente dar ordens que recebê-las; ser imitado mais frequentemente que imitar; mais frequentemente atacar que ser atacado. De acordo com esses critérios foram estabelecidas as categorias para o registro do comportamento de cada criança. Além disso, foram criadas categorias para descrever outras dimensões da situação do grupo. Decidiu-se que seriam necessários vários obser-

vadores, a fim de notar todas as dimensões significativas do comportamento. Alguns observadores concentraram-se na descrição das atividades do grupo, em intervalos de cinco minutos; outros registravam o comportamento do líder, sua relação com outras crianças e com a atividade existente, em intervalos semelhantes. Outros escolheram as seguintes dimensões do comportamento: formação e isolamento do grupo; imitação; dar e receber ordens; tomar a iniciativa; propriedade e mudanças de propriedade de brinquedos, etc. As formas típicas de comportamentos foram sumariadas sob cada uma dessas categorias. Por exemplo, na categoria de propriedade foram isoladas as seguintes formas: a criança pede e recebe algo; a criança pede, mas não recebe alguma coisa; a criança pega um objeto de outra, etc. Cada forma de comportamento tinha um símbolo escrito especial, a fim de facilitar a rapidez do registro. Depois de os observadores dominarem essa linguagem de símbolos, o registro efetivo pôde ser realizado com grande rapidez. A sincronização dos vários protocolos com intervalos de cinco minutos permitia que, na análise dos dados, se reconstruísse a cena completa.

O REGISTRO DE OBSERVAÇÕES

Não existe um método que seja o melhor para o registro de observações, embora alguns processos permitam certos tipos de dados que outros não permitem. Deve-se usar o recurso mais simples e mais econômico, dentre os que permitem os dados exigidos.

O sistema mais frequentemente usado para registro é o que dá ao observador algumas folhas duplas de papel com a lista de categorias que devem ser codificadas e os lugares em que devem ser marcadas. Uma variação econômica foi usada por Lippitt e Zander, num estudo ainda inédito que exigia observações de liderança de grupo, em situações reais. Cada um dos observadores tinha cadernos de espiral com conjuntos de cartões do tipo usado em análise por máquina, e onde estavam impressas as categorias de observação. Os observadores faziam um sinal a lápis no cartão apropriado, oposto à categoria adequada. Tais cartões eram depois passados por uma máquina automática de perfuração, sensível a grafite, e que perfurava os cartões onde se tivesse feito uma marca. Depois disso, os cartões estavam prontos para a escolha de máquinas, sem a despesa, a perda de tempo e o perigo

de êrro que existem sempre que um operador de máquina de perfuração transfere o material de fôlhas de código para um cartão.

Em alguns estudos foram usados instrumentos de registro mecânico. Chapple (1949) inventou um "cronógrafo de interação", no qual o observador indica quem está falando, ao apertar um botão durante o período em que dura a "fala" da pessoa. A máquina é planejada de modo a somar automaticamente, no fim do período de observação, certas freqüências de interação entre os membros do grupo. Thelen criou um "áudio-íntrospectômetro", que permite aos observadores ou membros do grupo o registro de seus sentimentos ou outras observações através da colocação, em uma dentre várias posições pré-codificadas, de uma alavanca.

Bales e Gerbrands (1948) descreveram um "registrador de interação", que verificaram ser útil ao lidar com grande número de categorias. Esse instrumento consiste de uma caixa com um mecanismo de cilindro. No alto da caixa, à esquerda, prende-se uma fôlha que indica as categorias através das quais devem ser feitas as observações. Um rôlo de papel, com a largura da fôlha que indica as categorias, se move, por um mecanismo de cilindro, da direita para a esquerda no alto da caixa. Em qualquer momento considerado, uma parte em branco desse papel aparece à direita da fôlha de categorias; o observador faz as marcas adequadas nessa parte em branco do papel. Suponha-se, por exemplo, que observe um pequeno grupo, através das categorias apresentadas na página 251. Digamos que o membro 1 diga uma frase que o observador classifica como "dá opinião"; escreve "1" no papel, na posição correspondente a esse item na fôlha de categorias. Como o cilindro continua a mover o papel, a parte com essa marca desaparece na caixa, e o observador tem à sua frente uma outra parte do papel, ainda não assinada. Aí registra a resposta de outro membro à opinião de 1 — talvez um "5" na posição correspondente a "discorda". Como a tira de papel em que registra suas observações se move constantemente, o registro final mostra a seqüência de comportamento.

As gravações de som e as fitas de cinema têm sido usadas quando é necessário descrever a natureza total de um acontecimento ou codificar certas ações de pessoas ou do grupo, através de quadro de referência apresentado pelo aconteci-

mento total. As gravações em fita têm sido freqüentemente usadas para isso. Aqui, no entanto, perdemos a orientação das frases e dos gestos, os sinais, as posições do corpo, que, freqüentemente, são indispensáveis para uma compreensão total do comportamento de quem fala e de quem ouve. As fitas mudas têm utilidade limitada porque as frases são omitidas. As fitas sonoras de cinema são tão caras que raramente têm sido usadas.

Embora alguns recursos — como gravação de fitas, de cinema e televisão — possam auxiliar a obtenção de uma visão geral de um acontecimento social, o seu uso não resolve, por si mesmo, o problema da obtenção de dados com objetivos sistemáticos. É preciso estabelecer as categorias significativas para o registro do comportamento, é preciso decidir quanto às unidades de tempo, estabelecer métodos para o registro da pessoa que inicia a ação e da que a recebe. As observações podem ser registradas quando ocorre o acontecimento (isto é, simultaneamente com a filmagem ou gravação de fita), ou a codificação pode ser feita a partir da fita de cinema ou da gravação. No entanto, em determinado momento, para que os dados possam ser usados quantitativamente, precisam ser registrados através de um esquema formal.

AUMENTO DA PRECISÃO DA OBSERVAÇÃO

Em certo sentido, tudo o que foi dito até aqui é importante para o problema de obter precisão adequada no uso de um instrumento de observação. Processos corretos e coerentes na criação desses instrumentos aumentarão a precisão, supondo-se, naturalmente, que os observadores tenham sido treinados para interpretar de forma semelhante suas instruções, e tenham prática suficiente para conseguir a habilidade necessária para classificação e registro adequados. No entanto, para a obtenção de observação precisa e válida, existem alguns problemas específicos que merecem consideração isolada.

Um problema decorre da definição inadequada dos tipos de comportamento que devem ser considerados como dependentes a determinado conceito. Berkovitz e Guretzkow (1949), por exemplo, indicaram que, ao classificar diferentes grupos através de "atmosfera agradável de grupo", um observador pode ser muito sensível ao fato de haver apreciação

mútua entre os membros do grupo, outro à informalidade das relações entre os seus membros, outro a uma diferente dimensão da atmosfera agradável.

Outro fato que pode reduzir a precisão, até de observadores bem treinados e habilitados, é o grau de confiança que uma pessoa precisa ter no próprio julgamento, antes de assinalar determinada categoria. Se os observadores devem avaliar a presença de comportamento de "necessidade do ego" (exemplo usado por Berkowitz e Guezkow), mesmo quando ocorre pouco comportamento significativo para essa avaliação, um observador pode avaliar sua extensão como maior do que "realmente" é, apenas porque tem uma predisposição para perceber prova de comportamento de "necessidade do ego"; outro observador pode avaliá-lo como menor do que "realmente" é, pois exige mais prova ou, talvez, maior confiança antes de tomar uma decisão quanto à presença de comportamento de "necessidade do ego."

Uma das maiores fontes de imprecisão é o êrro constante, introduzido pelo observador, e devido à deformação de suas percepções por suas necessidades ou valores. Um observador que é muito contrário a certas práticas de liderança terá dificuldade em impedir um viés; pode codificar mais comportamento do líder nas categorias que desaprova do que o faria um observador que não tenha sentimentos tão intensos a respeito. O treinamento adequado e a prática podem superar isso na maioria das pessoas, embora não em todas.

Ainda que os observadores de pesquisa tenham sido capazes de avaliar um grupo, com precisão, em cinquenta ou mais categorias, existe um ponto em que a sobrecarga pode prejudicar seriamente a precisão. O principal resultado de sobrecarga é que o observador não possa registrar todos os dados significativos e registre, involuntariamente, alguns aspectos mais adequadamente que outros; por isso, dá uma descrição viesada. Isso pode decorrer de fadiga, que faz com que o observador reduza o seu ritmo e depois o acelere; pode decorrer do fato de evitar as categorias mais difíceis, a fim de manter o ritmo; pode decorrer, também, de várias outras razões. É possível impedir a sobrecarga através de períodos padronizados de descanso, através da distribuição do trabalho entre vários observadores ou através do registro mecânico da sessão (se tais registros forem adequados).

Evidentemente, um método importante para aumentar a precisão é o treinamento cuidadoso dos observadores. Um

boim processo de observação pode ser prejudicado por diferenças entre os que o empregam, ou pela impossibilidade de compreender as regras para seu uso. Por isso, é necessário que o pesquisador planeje o emprego de boa parte de seu tempo no treinamento de observadores. A complexidade do treinamento depende da complexidade da tarefa do observador. Um estudo, que empregou quase cem observadores em diferentes partes do país, estabeleceu o tempo do curso de treinamento como o tempo necessário para que o futuro observador obtivesse acórido adequado com o instrutor. Desde que tivesse obtido habilidade suficiente, poderia começar as observações.

Um programa típico de treinamento começa com uma explicação dos objetivos e da teoria suposta no estudo, e passa depois para uma explicação das categorias e das regras para seu emprego. Indica-se o objetivo de cada categoria, em relação com a teoria e com as hipóteses específicas. Depois de os futuros observadores terem tido oportunidade para propor perguntas, procuram usar a ficha num grupo que tenta demonstrar fenômenos do tipo que os observadores deverão codificar quando começar a coleta real de dados. O futuro observador naturalmente encontra dificuldades na escolha de categorias adequadas, na amostragem, na seleção, na decisão quanto à classificação de casos marginais, etc. Tais dificuldades são solucionadas pela discussão e pela maior prática. A seguir vem uma tentativa num estudo "piloto" com um grupo semelhante àquele que a pessoa deverá observar. Ainda aqui surgem dificuldades que podem ser corrigidas. Neste ponto, ou um pouco depois, pode ser útil utilizar gravação em fita ou filmes a fim de verificar acontecimentos que foram codificados de forma diferente por diferentes observadores. A seguir, os observadores estão preparados para testes de precisão, seguidos pela subsequente prática e mais testes de precisão, até que o pesquisador se convença de que os observadores se transformaram em instrumentos úteis e comparáveis de mensuração.

Também aqui, tal como ocorre no caso de observação menos sistemática, a verificação e o aumento da precisão não eliminam a possibilidade de um viés constante, aceito por dois ou mais observadores.¹⁰ Não existem técnicas simples para resolver esse problema. Se parecer provável que tal

¹⁰ Ver págs. 239-240.

vies constante possa influir seriamente nos resultados, pode ser desejável fazer com que dois ou mais observadores, com formação diferente, registrem os mesmos acontecimentos, pelo menos durante um período preliminar.

A RELAÇÃO ENTRE O OBSERVADOR E O OBSERVADO

A não ser que esteja oculto atrás de uma tela de visão unilateral, e que sua presença seja ignorada pelo grupo, o observador não-participante enfrenta os mesmos tipos de problemas enfrentados pelo observador participante, ao estabelecer relações com as pessoas que deve observar. Também é preciso preparar, cuidadosamente, o seu aparecimento numa situação e estar certo de que todos os membros do grupo estão dispostos a aceitá-lo. Como está, notoriamente, ocupado no registro de comportamento em fichas preparadas, no uso de relógio e talvez outros recursos técnicos, geralmente não é possível esconder o fato de estar fazendo pesquisa. Por isso, é ainda mais importante que consiga o acôrdo completo do grupo com relação à pesquisa. No entanto, em algumas situações é necessário apenas o consentimento do líder, e uma explicação relativamente vaga poderá satisfazer os outros membros do grupo. Sempre que possível, os pesquisadores geralmente tentam criar uma impressão de um observador como pessoa neutra, psicologicamente invisível. É compreensível que a entrada de uma pessoa no grupo, ainda que não perturbe, introduza outra variável na situação e que essa variável possa modificar o comportamento que está sendo observado. Por exemplo, em grupos de crianças a presença de observadores adultos pode ser mais influente que a variável experimental específica que, supostamente, atua na situação. Deutsch (1949) verificou que estudantes universitários em situação competitiva diziam estar mais conscientes da presença dos observadores que estudantes comparáveis em situações cooperativas. É importante pensar nas maneiras pelas quais a presença do observador pode influir no resultado da pesquisa, e criar técnicas que reduzam tal possibilidade.

Certamente, no entanto, as pessoas parecem habituar-se aos observadores, se o comportamento destes convince os membros do grupo de que não constituem ameaça. Deutsch verificou também que os membros de pequenos grupos esta-

vam muito mais conscientes da presença do observador (segundo indicação numa escala de avaliação, preenchida pelos membros do grupo, depois de cada reunião semanal) no início da experiência que depois de terem sido observados durante três reuniões. Muitos pesquisadores acreditam que tem pouca influência, no comportamento observado dos membros do grupo, o fato de o observador sentar-se na sala com o grupo, colocar-se atrás de uma tela de visão unilateral dizendo ao grupo que ali está, ou colocar-se atrás dessa tela quando o grupo não sabe se está ou não ali.